



CINEMA E SOCIABILIDADE NA CIDADE (CURRAIS NOVOS/RN, 1920-1990)

Cinema and sociability in the city (Currais Novos/RN – 1920-1990)

Cinéma et sociabilité dans la ville (Currais Novos/RN – 1920-1990)

Fabiana Alves Dantas¹

Resumo: Este artigo trata das relações sociais estabelecidas no espaço do cinema em pequenas cidades, estudando o assunto a partir do caso do município de Currais Novos/RN. Entendendo o cinema como um importante elemento das práticas e representações culturais na vida moderna, ele é aqui identificado como espaço de sociabilidade que, no contexto do processo de modernização de uma pequena cidade ao longo do século XX, expressou mudanças na sensibilidade social daquele momento histórico em particular, tornando-se, atualmente, parte relevante da memória local em relação ao período em questão. Assim, este estudo reforça a relação existente entre o cinema e as transformações sociais decorrentes de processos de modernização no âmbito da cidade.

Palavras-chave: Cinema. Sociabilidade. Cidade.

Abstract: This article deals with the social relations established in the cinema space in small towns, studying the subject from the case of the municipality of Currais Novos/RN. Understanding the cinema as an important element of cultural practices and representations in modern life, it is identified here as a space of sociability that, in the context of the modernization process of a small town throughout the 20th century, expressed changes in the social sensitivity of that historical moment in particular, becoming, currently, a relevant part of the local memory in relation to the period in question. Thus, this study reinforces the existing relationship between cinema and the social transformations resulting from the city's modernization processes.

Keywords: Cinema. Sociability. City.

Résumé : Cet article traite des relations sociales établies dans l'espace du cinéma des petites villes, en étudiant le sujet à partir du cas de la municipalité de Currais Novos/RN. Considérant le cinéma comme un élément important des pratiques et des représentations culturelles dans la vie moderne, il est identifié ici comme un espace de sociabilité qui, dans le contexte du processus de modernisation d'une petite ville tout au long du XXe siècle, a exprimé des changements dans la sensibilité sociale de cette moment historique en particulier, devenant,

¹ Doutoranda em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3501097795127741>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3543-5341>.

actuellement, une partie pertinente de la mémoire locale par rapport à la période en question. Ainsi, cette étude renforce la relation existante entre le cinéma et les transformations sociales résultant des processus de modernisation de la ville.

Mots clés : Cinéma. Sociabilité. Ville.

Introdução

O cinema, que nasceu no final do século XIX e consolidou-se no século XX, tornou-se elemento marcante de uma época que Walter Benjamin (1987) chamou de era da reprodutibilidade técnica, na qual a reprodução em massa da arte tornou-se possível. Com isso, ele pode ser entendido como parte integrante e relevante das práticas e representações do mundo moderno, sendo pertinente admitir uma indissociabilidade entre cinema e modernidade, cabendo atentar para sua inserção em um modo de vida estabelecido a partir desse fenômeno marcado por transformações em muitos setores, trazendo, assim, “sentimentos e sensações ambíguas, capazes de, além do maravilhamento, provocar medo, desequilíbrio e perturbações das mais variadas naturezas” (SILVA NETO, 2021, p. 36). Em razão disso, diferentes relações sociais podem ser perscrutadas a partir de seu estudo no campo da História, especialmente quando se pensa no âmbito das práticas e representações por meio das quais as pessoas constroem significados, o que pode ser feito a partir da perspectiva da História Cultural (CHARTIER, 1988).

Partindo de tais premissas, considera-se pertinente estudar a inserção do cinema no espaço urbano, atentando às relações sociais que nele se estabelecem, pensando esse espaço como algo diretamente associado às concepções sobre o que é viver em uma cidade moderna. Partilhando do entendimento de Milton José de Almeida (1999), trata-se de pensar o cinema como produto e representação da própria cidade, o que conduz à percepção de que ali, mais que conteúdo cultural voltado para o consumo, se estabelecem relações que constituem esse modo de viver urbano. Entende-se que tal compreensão possibilita identificar uma relação entre cultura e sociedade a partir do espaço voltado às atividades culturais, tornando-se pertinente desvelar o desenvolvimento de práticas que se relacionam com os ares de modernidade que estão associados ao próprio surgimento do cinema e sua popularização.

Desse modo, propõe-se aqui uma discussão sobre a sociabilidade no cinema a partir do estudo de sua relação com a modernização no caso de uma pequena cidade, partindo de uma abordagem histórica. A pesquisa adota como foco Currais Novos, município situado no

interior do estado do Rio Grande do Norte. Com o desenvolvimento econômico local no século XX, ele passou por transformações significativas em seu espaço e, entre as novidades, estava a chegada do cinema (MEDEIROS, 2011). Existiram, entre 1920 e 1990, sete cinemas, os quais foram relevantes no processo de mudança da sensibilidade social dos habitantes do município e, hoje, são uma parte importante da memória dessa época, como se mostrará neste trabalho.

Para a realização desta pesquisa, parte-se do recorte temporal correspondente à existência dos sete cinemas currais-novenses. No que se refere às fontes, são utilizados artigos jornalísticos e relatos memorialísticos – duas fontes escritas e uma oral –, cujo conteúdo foi analisado a partir do referencial teórico-metodológico da História Cultural. Cabe ressaltar que, aqui, a História Cultural é compreendida em sua relação com o social, o que implica entender a cultura não como algo desprendido da realidade, mas compreendendo-a a partir de sua relação com as dinâmicas contextuais de uma sociedade (CHARTIER, 1988). No caso específico do relato oral, este foi obtido por meio de uma entrevista semiestruturada (MEIHY & HOLANDA, 2011), na qual o entrevistado respondeu a perguntas sobre o período em que frequentava o último cinema que existiu em Currais Novos. A intenção com isso é dispor de diferentes tipos de fontes tanto para viabilizar a confrontação de informações necessária ao uso de toda fonte oral (POLLAK, 1992), bem como para realizar a problematização das memórias existentes em relação ao período de funcionamento dos cinemas currais-novenses.

Dessa forma, o texto foi estruturado apresentando, inicialmente, uma breve explanação a respeito da discussão sobre o cinema como espaço de sociabilidade, dando atenção especial ao tratamento desse tema no contexto brasileiro. Na sequência, uma recapitulação cronológica dos cinemas de Currais Novos, ressaltando o contexto de modernização local no qual se inserem seus respectivos surgimentos, discorrendo-se sobre os aspectos relevantes das sociabilidades neles estabelecidas. Por fim, tem-se a discussão acerca do lugar assumido por esses cinemas na memória local currais-novense e as principais conclusões do trabalho.

Os estudos sobre cinema e sociabilidade na cidade

Para pensar a sociabilidade no cinema, é válido partir da observação feita por Walter Benjamin (1987), que sinaliza a existência de razões políticas e econômicas que fazem dele uma arte destinada ao grande público. Filmes, além de servirem ao propósito de

entretenimento, também podem ter um caráter pedagógico, podendo influenciar os espectadores. Assim, de acordo com essa perspectiva, é possível enxergar um ponto positivo no que se refere à ampliação do acesso a essa forma de arte para as camadas populares, embora também haja o aspecto perigoso de seu uso para interesses de manipulação, especialmente no âmbito político, como ressalta o referido autor.

Rodrigues, Farias e Silva (2010) defendem que a relevância do cinema se deve ao fato de que este corresponde aos anseios humanos em relação a salvar-se do esquecimento através da captura de imagens, considerando-o “dispositivo criador de uma suposta cristalização do tempo através do armazenamento de imagens pretéritas referentes e semelhantes às que enxergamos no mundo real” (RODRIGUES, FARIAS & SILVA, 2010, p. 1). Assim, ele é atrativo devido à sua especificidade quanto à forma de captar e reproduzir imagens.

Como anteriormente aos avanços tecnológicos que possibilitaram a esse grande público assistir filmes no ambiente domiciliar, as pessoas precisavam frequentar o espaço destinado a esse fim específico, o espaço do cinema tornou-se relevante na vida social. Quando de sua chegada ao Brasil, essa relevância esteve intimamente atrelada à intenção de modernização do país, de maneira que o hábito de assistir a exibição de filmes espalhou-se consideravelmente:

A coqueluche do carioca, como bem frisou João do Rio, era o cinema. Sua influência na vida social da cidade acentuava-se cada vez mais. Os jornais já empregavam os vocábulos *fita* e *fiteiro* como sinônimos de *fingimento* e *fingido*. Também as “Secções Livres” dos periódicos usavam uma linguagem baseada em títulos de filmes (ARAÚJO, 1976, p. 213).

Essa “coqueluche” – para usar a expressão citada por Vicente de Paula Araújo (1976) ao se referir ao interesse significativo que o cinema despertou em muitas pessoas –, partiu do Rio de Janeiro e, a partir dos anos 1920, expandiu-se para outras regiões do país, inclusive para as pequenas cidades (MOURA, 2014). A bibliografia sobre o tema sinaliza a relação da chegada do cinema com os processos de modernização locais, podendo-se citar como exemplos os trabalhos de Flávia Danielly de Siqueira Silva Moura (2014), que discute em sua dissertação de mestrado o papel do Cine Bandeirante como espaço de sociabilidade em Santa Cruz do Capibaribe, localizada em Pernambuco; o de Kellen Cristina Marçal de Castro (2008) analisando as mudanças no hábito de ir ao cinema que acompanharam as transformações no espaço urbano de Uberlândia, em Minas Gerais; o de Talitha Ferraz (2012), que aborda a

importância histórica e afetiva dos cinemas de rua no Rio de Janeiro, especialmente no bairro da Tijuca; e, por fim, o de Silva Neto (2021), sobre as relações sociais estabelecidas a partir da chegada do cinema no município paraibano de Cajazeiras.

A interdisciplinaridade se faz necessária para abordar o conceito de “sociabilidade”, aplicando-o à discussão referente ao cinema na cidade. É válido ressaltar que, na Sociologia, a cidade tem sido um recorte espacial adotado para discutir as alterações decorrentes das iniciativas modernizadoras no tocante às formas de sociabilidade, dadas as mudanças estruturais e nas formas de interação entre os indivíduos (GOES, 2015). Dessa forma, em uma perspectiva sociológica, especialmente com as considerações de Georg Simmel (1983), é possível compreender a sociabilidade a partir da ideia de existência de formas sociais de interação caracterizadas pela cooperação e colaboração. O cinema enquanto espaço de sociabilidade, pode ser entendido como uma forma social estabelecida a fim de atender às demandas ligadas à necessidade de atividades/espços destinados ao lazer na cidade, especialmente a partir da tentativa de modernizá-la. Isso porque ele é produto e representação da própria cidade e o prazer estético por ele proporcionado se alinha com o discurso dominante sobre o que é viver nela, estimulando um público educado para consumir (ALMEIDA, 1999).

De acordo com esse ponto de vista que situa o cinema como um dos espaços voltados para o atendimento de demandas da vida na cidade moderna, ele é entendido como algo que reforça os discursos modernizantes e se mostra um elemento relevante da vida social que se constrói alinhada às demandas históricas de uma sociedade e dos indivíduos que a compõem. Ou seja, há aí o desejo e o investimento em torno de um ideal de modernidade, assim como os interesses existentes na esfera individual, tais como a curiosidade e o desejo de consumir o que há de novo. O estudo da história dos cinemas que existiram em Currais Novos no século XX torna possível observar as relações aqui apontadas, evidenciando-se uma relação direta entre a chegada e posteriores esforços para a manutenção da existência do cinema no município com as iniciativas de modernização que marcaram o período aqui discutido.

Os cinemas de Currais Novos e sua relação com o processo de modernização local

Uma referência importante para traçar um perfil dos cinemas que existiram em Currais Novos no século XX é a obra *Os Cinemas de Currais Novos*, publicada em 2003, fruto da

pesquisa realizada pelo currais-novense Manoel Jaime Xavier Filho, movido por sua paixão pela sétima arte. Nela, o autor indica O Cinema de Zuzu como o primeiro que ali existiu. Inaugurado em 1920 pelo pecuarista e comerciante Benvenuto Pereira Filho no espaço que antes fora um armazém de algodão, funcionava com instalações simples, inclusive um salão sem cadeiras, durando pouco devido à venda do referido armazém ao empresário Tomaz Salustino, que também foi responsável pela construção de outro cinema, anos depois (XAVIER FILHO, 2003, p. 17-20). O pequeno município, então com pouco mais de 11 mil habitantes, segundo o mesmo autor, recebia então uma novidade que passaria a movimentar significativamente a vida social que, até então, era marcada apenas pelas festividades religiosas, algo característico às pequenas cidades da região:

As noites não seriam mais as mesmas na pequena urbe. O fascínio exercido pela sala escura sobre os adultos estendia-se, com maior razão, às crianças, que, em suas casas, montavam o seu próprio cinema: uma garrafa de vidro transparente ou uma lâmpada usada, contendo água, inserida em uma caixa de papelão com abertura em forma de tela, uma fonte de luz (na maioria das vezes, uma simples vela acesa) e tiras de papel ilustradas com figuras (precedendo o uso dos fotogramas), obedecendo ou não a uma sequência lógica. O ambiente escurecido e a tolerante compreensão dos presentes completavam a triunfante proeza. Aliavam-se surpresa e ludicidade (XAVIER FILHO, 2003, p. 19).

O mesmo Benvenuto Pereira Filho insistiu em dar continuidade ao cinema posteriormente, não havendo informações precisas sobre a data dessa segunda inauguração. Seu novo empreendimento foi chamado de Cine União, recebendo posteriormente também os nomes de Cine Lux, Cine São José e Royal Cinema. Funcionava, inicialmente, no mesmo espaço que um bar, sendo reformado em 1933, ganhando um projetor, cadeiras individualizadas e uma tela de tecido (XAVIER FILHO, 2003, p. 31). A função de agitar a vida social currais-novense pode também ser constatada, notando-se que a modernização das instalações quando passou a se chamar Royal Cinema contribuiu para isso, assim como a existência de ambientes próximos como a confeitaria que ficava próxima à entrada e que também era um importante espaço na experiência de ir assistir aos filmes ali exibidos. O interesse por essa experiência atingia até mesmo pessoas analfabetas que contavam com a ajuda de outras para entenderem as legendas dos filmes (XAVIER FILHO, 2003, p. 37). Assim:

O ROYAL CINEMA, em Currais Novos, foi carinhosamente adotado pela população. Cumpriu a sua função, tornando-se um ponto referencial de atração. Frequentá-lo virou para muitos um hábito. Sair de casa, após o jantar, para ver um filme e contar o enredo a quem não foi, ou discuti-lo com quem também o assistiu, representava uma nova e estimulante forma de relacionamento afetivo e social (XAVIER FILHO, 2003, p. 36).

Sem informações precisas sobre o motivo que levou ao fechamento desse cinema, sabe-se que o encerramento de suas atividades coincidiu com a inauguração de outro: o Cine Teatro Tomaz Salustino, do empresário que comprara, anos antes, o armazém onde funcionara o Cinema de Zuzu. Manoel Jaime Xavier Filho (2003) aponta a grandiosidade desse estabelecimento como um ícone do desenvolvimento econômico currais-novense, ocasionado pelo ciclo da mineração, processo ao qual Tomaz Salustino esteve diretamente relacionado, como proprietário da Mina Brejuí. A fase dos cinemas anteriores esteve relacionada a um impulso de desenvolvimento proporcionado pela economia algodoeira – atividade a qual o próprio Benvenuto Pereira Filho estava associado – e, em 1955, com o Cine Teatro Tomaz Salustino, uma nova fase teve início. Sobre esse período, é válido comentar o clima otimista de desenvolvimento e ideal de progresso que se materializava nas mudanças arquitetônicas na cidade, provocando também mudanças na sensibilidade social. Tratou-se de uma busca pela modernização que se deu de forma prática e estética, conforme analisou o geógrafo Gênisson Costa de Medeiros (2011) em sua pesquisa sobre as paisagens da modernidade currais-novense a partir da fotografia:

Esse período da mineração traz à cidade uma identidade moderna traduzida pela chegada do rádio, do cinema, da construção de um hotel e, dentre outros, das indústrias. Estes produzem o espaço dessa cidade, transformando-a em vitrine dos mais sofisticados equipamentos urbanos de que se tem notícia na região do Seridó. Assim, podemos inferir que, a partir de meados do século XX uma peculiar modernidade passa a ser praticada em Currais Novos, o que representará para a cidade, em anos posteriores ao início da mineração, ser elevada ao posto das 500 cidades mais desenvolvidas do país (MEDEIROS, 2011, p.136).

Assim, vale ressaltar a construção desse cinema de grande porte como parte dos interesses de modernização local. Ele movimentou a sociedade currais-novense desde o

momento de sua inauguração, mobilizando populares e elite local em um momento que representou bem as intenções modernizantes em relação ao município. Naquele momento, não ocorria simplesmente a inauguração de um estabelecimento qualquer, mas sim uma importante materialização do desenvolvimento econômico currais-novense, cujas benesses dele resultantes impactavam os hábitos sociais dos que ali viviam, com o surgimento de novos espaços de sociabilidade. Veja-se a descrição da ocasião:

O recém-construído cinema encheu a cidade de satisfação, intensificando a auto-estima [sic] dos currais-novenses. A festiva inauguração contou com a presença do clero local, outras autoridades e populares. Da mesma forma, a esquina adjacente, local do antigo Grande Hotel, recebeu o majestoso Tungstênio Hotel. Os dois, cinema e hotel, dariam origem ao mais novo ponto de convergência e convivência da cidade, até então, privilégio exclusivo da Praça Cristo Rei (XAVIER FILHO, 2003, p. 43).

Dispondo de fontes jornalísticas sobre o período de funcionamento desse cinema, é possível afirmar que o Cine Teatro Desembargador Tomaz Salustino se consolidou como espaço de sociabilidade. Uma curiosa notícia publicada em 1977 no periódico *Diário de Natal* com o título “Todos ao estádio e ao Cine-teatro [sic] desembargador Tomaz Salustino” informa sobre a estratégia criada por Benedito Targino, então gerente do estabelecimento, para atrair as pessoas para os dois negócios nos quais trabalhava, no caso, o cinema e os jogos de futebol locais:

Aos domingos – dia reservado do pessoal do interior para ir ao cinema, acontece também os jogos de futebol no estádio Cel. José Bezerra. Benedito Targino fica numa encruzilhada: não sabe se faça propaganda do seu cinema ou se anime o povo a ir ver o futebol ver o Potyguar jogar. Foi aí que ele encontrou uma fórmula de conciliar as duas coisas: contratou um desses carros-propaganda e o cara sai rua afora, a todo volume, anunciando os dois espetáculos: “Senhoras e senhores, não percam, hoje, no estádio Cel. José Bezerra, grande pugna de futebol reunindo o Potyguar, representante de Currais Novos, e o América, de Natal, jogo incluído na Loteria Esportiva. E, no cine Teatro [sic] Des. Tomaz Salustino, o grande filme da Metro em tencicolor. Os amores de tia Eufrásia, com Edward G. Robinson e Elizabeth Taylor (DIÁRIO DE NATAL, 1977, p. 10).

Manoel Jaime Xavier Filho (2003) salienta também aspectos dessa sociabilidade que iam além dos encontros no espaço do cinema, mas abrangiam a identificação do público com o cinema nacional que, nessa fase, se fazia muito presente nas telas de exibição, embora houvesse predomínio dos filmes norte-americanos. Vale ressaltar, junto ao que aponta Anita

Simis (2005), que a expansão da produção nacional cinematográfica no período do regime militar, especialmente com a criação da Embrafilme em 1969, foi marcada pela produção cultural de forma controlada pela perspectiva do regime no que concerne a um nacionalismo que preservasse valores morais conservadores. Assim, ocorreu uma centralização do poder simbólico que foi mobilizada para modelar a produção cultural e formação do povo, não sendo à toa o fato de que cinema e teatro foram os primeiros alvos da censura que, após a criação do Ato Institucional nº 5 estendeu-se também para outros setores, conforme explica Leonor Souza Pinto (2001). Esses esforços geraram resultados e, de acordo com Anita Simis (2005), os filmes nacionais se destacaram na preferência do público até 1984. Nesse contexto, enxergar características de si mesmo nas personagens das histórias de fácil assimilação que apareciam nos telões parecia ser também um fator relevante de atração para o público que frequentava o cinema em Currais Novos, podendo-se entender essa identificação como parte do processo mais amplo que ocorria nacionalmente naquele momento:

Predominavam os enlatados americanos, mas muitos dos nacionais, componentes do gênero rotulado como chanchada, presentearam os seus fiéis admiradores com preciosos momentos de descontração e alegria. Eram filmes simples, diretos, lúdicos, de fácil assimilação, aproveitando músicas carnavalescas e, em geral, destituídos de predicados estéticos. Tiveram, no entanto, o mérito de projetar a presença brasileira nas telas do país (XAVIER FILHO, 2003, p. 45).

O Cine Teatro Desembargador Tomaz Salustino funcionou até a década de 1970. A data exata parece conflituosa nas fontes, pois, segundo Manoel Jaime Xavier Filho (2003), encerrou suas atividades em 1973, mas a notícia do *Diário de Natal* citada anteriormente data de 1977. De qualquer modo, é relevante perceber que esse fechamento certamente esteve associado ao declínio da exportação da scheelita currais-novense e a desaceleração do progresso econômico, o que certamente provocou perda do poder de consumo da população. Mas o interessante é que o Cine Desembargador Tomaz Salustino não encerra a história do cinema em Currais Novos, já que outro, o Cinespacial, foi aberto por Benedito Targino, o gerente responsável pela curiosa estratégia de propaganda conjunta do cinema e dos jogos de futebol com anúncios em carros de som noticiada pelo *Diário de Natal*. O último cinema de Currais Novos funcionou de 1978 a 1990 e tratou-se de um projeto arrojado para um município interiorano, contando com 800 poltronas, equipamento técnico trazido de Recife e

ainda uma lanchonete (XAVIER FILHO, 2003, p. 51-53). Os relatos memorialísticos do escritor e músico Wesley Gama, que foi um frequentador desse cinema durante sua infância, possibilitam identificar como esse grande porte do estabelecimento se destaca na memória acerca dessa época. O primeiro dos relatos apresentados foi publicado espontaneamente por ele em um blog, o que demonstra um interesse em falar publicamente sobre essa época da cidade:

O CINESPACIAL, último cinema de Currais Novos – e único que alcancei (nasci em 1981), foi inaugurado em 07 de setembro de 1978. Uma das primeiras exibições na imensa tela foi feita em 15 de dezembro de 1978 com o lançamento mundial de “Super-homem”, tendo o galã Christopher Reeve no papel principal. Apesar de ter começado a frequentar esse cinema em 1984/1985, ainda me lembro do cartaz de lançamento do Super-homem fixado no hall de entrada (GAMA, 2017a, n.p).

Já o segundo é fruto de uma entrevista realizada com ele, após a publicação de seu texto. Questionado sobre como eram as sessões no Cinespacial, ele destaca o grande número de pessoas presentes, inclusive vindas de cidades vizinhas, já que se tratava do maior cinema existente na região:

Geralmente eram lotadas. Acho que o preço devia ser mais acessível naquela época, né? Hoje em dia, existe um padrão assim de os cinemas funcionarem em shopping, né? E tudo em shopping é mais caro. Mas naquela época, como era na rua mesmo, e a população realmente tinha o poder aquisitivo bem menor do que antes da era Lula, eu acredito, eu lembro que eram muito lotadas as sessões (...). E cabia muita gente. Impressionante! Acho que vinha gente até das cidades vizinhas, porque era o maior cinema da região (GAMA, 2017b, n.p).

Os relatos memorialísticos aqui utilizados como fonte revelam ainda um papel pedagógico assumido pelos filmes no que se refere a valores morais, bem como concernente a elementos da vida moderna como roupas, cortes de cabelo e músicas da moda. No prefácio de *Os Cinemas de Currais Novos* (2003), Carlos Ernani Rosado Soares assinala alguns pontos acerca disso: “E aí, no cinema, a juventude passava a ter noção de valores morais” (SOARES, 2003, p. 8); “os filmes eram os veículos dos grandes sucessos musicais, sobretudo carnavalescos” (SOARES, 2003, p. 8); “vinha do cinema a inspiração para a mudança do vestuário, dos cortes de cabelo, dos gestos, dos hábitos” (SOARES, 2003, p. 9). Já especialmente sobre o período de funcionamento do Cinespacial, o depoimento abaixo também se refere a esse tipo de aprendizado proporcionado pelas idas às sessões. Nele, o

entrevistado destaca a difusão cultural proporcionada pelos filmes que ali assistia, atribuindo a essa experiência o surgimento de seu interesse por arte e cultura em geral, o que o levou a tornar-se músico:

Após começar a frequentar eu comecei a achar muito interessante a experiência, porque cada filme... O filme é uma obra de arte, né? Tanto é que o cinema é a sétima arte, né? Cada filme você aprende muita coisa (...). Mas na nossa época, lá da década de 80, o cinema e a televisão foram mecanismos de acesso a culturas diferentes, né? Então a gente assistia um filme então ficava conhecendo determinada música pela trilha sonora, determinada história, determinada cultura. Então foi um fator, eu acho até que um divisor de águas entre a minha geração e as gerações passadas, que não tinham tanto acesso à escola e nem à televisão, e nem ao cinema. E já na década de 80, isso se tornou de uma forma muito popular, e a minha geração eu acho que começou a ter uma visão diferente, uma sensibilização diferente através do cinema e da televisão naquela época, né? (GAMA, 2017b, n.p).

Eu acho que até o gosto pela música, né? Eu sou músico também, tenho dois discos lançados (...). Mas, como eu disse, eu acho que nessa época começou a despertar, porque a gente tinha acesso à diversidade através do cinema e dessas experiências todas, porque traz várias experiências ligadas ao audiovisual, né? Isso junto e também separado, porque a trilha sonora de um filme, né? Às vezes era clássica, às vezes era rock, às vezes era MPB... No caso dos Trapalhões, porque tinha os Saltimbancos Trapalhões, eu acho que foi a primeira vez que eu vi Chico Buarque cantando, porque tem a música, a trilha sonora dos Saltimbancos é do Chico Buarque, então eu acho que foi meu primeiro contato com a MPB, também através do cinema, né? Então tudo isso são experiências que não dá nem para calcular esse nível de imersão que você faz e o que que você absorve daquilo e se transforma, né? (GAMA, 2017b, n.p).

É significativo que o proprietário tenha se engajado em um investimento desse porte diante do fechamento dos seis cinemas que existiram anteriormente. Tendo atuado inclusive como gerente do Cine Teatro Desembargador Tomaz Salustino, Benedito Targino insistiu na empreitada de dar continuidade à existência do cinema em Currais Novos mesmo antes de fundar o Cinespacial, tornando-se arrendatário daquele que havia gerido em sua fase final. Uma notícia publicada no periódico *O Poti* em 1975 é um indício do engajamento por parte desse sujeito, que lidava com um contexto de dificuldades para realizar o projeto de abrir e manter um cinema ainda maior que o Cine Teatro Desembargador Tomaz Salustino:

E o novo Cinema pretende atingir uma faixa de maior poder aquisitivo a bagagem cultural média, com filmes de arte. O prédio terá ampla sala de espera, confeitaria – que será alugada - e a sala de projeção, enquanto a cobertura é de estrutura metálica, preparada em Recife. Os projetores, são de 35 milímetros. O proprietário tem outros cinemas em Santa Cruz, Acari, Parelhas, e com o novo cine de Currais Novos quer comemorar 25 anos de exibição, iniciados em 1950, no centro de Guarabira, PB, com uma pequena sala (O POTI, 1975, p. 15).

Por meio das fontes jornalísticas consultadas, também é possível identificar o uso do espaço do Cinespacial para atividades muito diferentes das exibições rotineiras de filmes: o oferecimento de serviço de som volante (BEZERRA, 1980a), eventos acadêmicos destinados aos universitários (BEZERRA, 1986a; 1986b), sessões especiais em datas como o Dia das Crianças, destinadas especificamente para turmas de alunos que eram levadas para assistirem filmes infantis (BEZERRA, 1980b) e até mesmo reuniões de fins políticos, como uma que ocorreu em 1989, promovida pelo então titular da pasta de Obras Públicas Iberê Guedes, para discutir publicamente um projeto para erradicação das muriçocas (BEZERRA, 1989a; 1989b). Esses eventos extraordinários à exibição rotineira dos filmes podem indicar tanto o aproveitamento do espaço arrojado para a realização de outras atividades importantes da vida social currais-novense, bem como uma abertura necessária por parte do proprietário para conseguir mantê-lo funcionando, já que, estando situado longe dos grandes centros urbanos, os custos para a manutenção e para trazer filmes novos certamente pesavam no orçamento de um cinema interiorano. Em todo caso, fossem as idas ao cinema motivadas por lazer ou como parte de uma programação promovida por alguma instituição, é certo que Currais Novos tinha no Cine Espacial um tipo de ponto de encontro cuja existência se associava ao que era considerado parte do desenvolvimento que a levava a ser vista como uma cidade moderna. Dessa forma, vê-se que a história do Cine Espacial se relaciona com um desejo de continuidade em relação à existência de salas de exibição em Currais Novos. Desejo esse relacionado com o discurso que incentivava avanços que a tornassem uma cidade moderna, na qual seus habitantes poderiam desfrutar dos benefícios do progresso material.

Essa insistência para que Currais Novos continuasse tendo um cinema parece não ser uma coincidência. A paixão por filmes pode ser um fator em comum entre os envolvidos na abertura dos cinemas currais-novenses, mas não explica a insistência em projetos que pareciam não vigorar mesmo com a empolgação gerada, dados os altos e baixos que marcavam os ciclos econômicos que ditavam o andamento do progresso currais-novense. Por isso uma interpretação possível é a de que esse elemento era desejado no âmbito de uma

sociabilidade estabelecida a partir do ideal de modernização que marcou o período em questão. Um desejo de ser uma cidade moderna.

É interessante pensar esse desejo historicamente, isto é, como fruto de um determinado processo histórico associado também às esferas econômica e política. Afinal, como visto, os primeiros cinemas aqui abordados tiveram seu funcionamento possibilitado pelo desenvolvimento dos ciclos econômicos do algodão e da mineração que marcaram a história currais-novense no século XX. Desse modo, entendendo a presença do cinema como parte desse desejo por tornar Currais Novos uma cidade moderna, é importante pensá-lo como parte das interações atreladas ao engajamento das instituições sociais e meios culturais que caracterizam os processos de modernização (NORONHA, 2008). Este é um ponto de reflexão interessante para direcionar atenção às memórias existentes no que se refere a esse período da história currais-novense, focalizando como as sociabilidades vivenciadas no âmbito do cinema fazem parte de uma memória local acerca desse processo de modernização.

O cinema na memória local

A construção memorialística sobre a vida na cidade é um aspecto instigante porque permite que os historiadores observem como as pessoas comuns significam esse espaço de sua vivência a partir de outros modos diferentes da operação intelectual realizada no âmbito da História, como pontua Antonio Clarindo Barbosa de Souza (2010). Para este autor, a memória da cidade, além de construída, pode ser também legada, por meio de uma operação de construção e reconstrução contínua:

É lugar comum afirmar que as memórias são construídas e reconstruídas incessantemente pelos diversos atores sociais que vivenciaram as transformações urbanas nas cidades [...] Todavia, esta vivência pode ancorar-se também na memória de outros como uma espécie de memória coletiva legada (SOUZA, 2010, p. 114).

É pertinente pensar o cinema como uma problemática urbana associada ao fato de que a cidade é “composta por elementos que não se apresentam estáticos, como os trajetos e comportamentos dos seus habitantes, além das relações de sociabilidade e das memórias criadas tendo o urbano como palco” (SILVA NETO, 2021, p. 48). E se ele ocupa esse espaço enquanto algo relevante no tocante à sensibilidade social desenvolvida na experiência urbana,

também ocupa um espaço na memória local, cujo processo de definição é caracterizado por uma busca de expressão de identidades a partir da relação dos indivíduos com a localidade (VIANA, 2017).

Ao analisar as fontes utilizadas neste trabalho, um ponto interessante é pensar que a própria existência de algumas delas parece estar associada a esse desejo de rememoração em relação a uma época de Currais Novos da qual se tem saudades. É isso que faz Manoel Jaime Xavier Filho dedicar-se a coletar informações e arquivos para escrever *Os Cinemas de Currais Novos*, apresentando, na obra, a época de funcionamento dos sete cinemas como algo marcante para a história do município e de quem viveu aquela fase. O mesmo pode ser dito sobre o texto de Wesley Gama intitulado *O último cinema de Currais Novos*, no qual relembra o Cinespacial como um marco de sua infância na pequena cidade seridoense. Tais textos, bem como o relato oral obtido com a entrevista com o antigo frequentador do Cinespacial, apresentam memórias que associam o cinema aos ares de modernidade predominantes em Currais Novos naquela época. Cabe lembrar, em prol deste argumento, o fato de que as fontes orais, como qualquer documento, também carregam consigo um desejo de memória (PEREIRA, 2010).

Sobre a especificidade do cinema como espaço de sociabilidade no período em questão, as fontes aqui abordadas também se caracterizam por apresentarem um tom nostálgico que diz respeito à existência de uma singularidade desse espaço para quem considera o hábito de ir ao cinema um tipo de “ritual”:

E era todo um ritual como ainda hoje é para quem gosta de cinema. Você chegar e comprar o ingresso, e entrar na sala escura. Eu lembro sempre da sensação meio estranha de quando a gente saía do cinema né, porque lá dentro tudo escuro e aquelas imagens todas, aquele som, aí quando saía lá fora parecia estranho o ambiente, a luz do dia. Eu lembro bastante assim dessas coisas, ficou sendo uma experiência marcante, né? [...]. E foi muito interessante também essa descoberta, esses super-heróis... Eu gostava de ler quadrinhos também, então tinha a ver uma coisa com a outra (GAMA, 2017b, n.p).

Outro exemplo disso é o texto escrito por Carlos Ernani Soares para o prefácio de *Os Cinemas de Currais Novos*, no qual destaca a “magia” envolvida na experiência de ir ao cinema:

nada pode substituir a magia de ir a uma sessão de cinema, onde há todo um condicionamento e se sabe que o telefone não vai lhe chamar (sim, porque você já desligou seu celular e, mal menor, o toque do vizinho mal-educado já se sabe que não é o seu), nem a campainha vai tocar, aquela visita inoportuna e fora de hora não frustrará seu encantamento e não haverá sede ou fome que o tente ir até a geladeira (SOARES, 2003, p. 10-11).

Cabe entãoo discorrer sobre essa relação entre a experiência pessoal com a construção memorialística concernente aos cinemas currais-novenses. Entendendo o cinema como um espaço informal de origem privada, cabe compreender sua frequênciação como algo motivado por interesses específicos relacionados ao que ele tem a oferecer aos frequentadores, sendo “frequentes no cotidiano das cidades como lugares de visita, de estadia e de encontro” (ANDRADE & BAPTISTA, 2015, p. 142). Pensar isso no contexto de modernização local é, portanto, entender que o desejo de frequentá-lo está relacionado tanto a uma experiência pessoal, como a uma aproximação com os elementos da vida moderna, das novidades proporcionadas pelo progresso material em curso, como se pode observar nos relatos:

Em 1986 eu tinha apenas seis anos quando fui com meu irmão mais velho, Wagner, assistir King Kong Lives (King Kong 2), lançado mundialmente em 19 de dezembro de 1986. Foi engraçado (ou trágico?) porque o filme era legendado e eu ainda não sabia ler. Então fiquei apenas curtindo as cenas sem entender bem o que estava acontecendo. A alegria da criançada da década de 80 em Currais era ir ao CINESPACIAL, comprar pipoca, sentar numa das 800 confortáveis cadeiras acolchoadas (seiscentas na parte de baixo e duzentas no “primeiro andar” – balcão nobre) e assistir às matinês com os filmes d’Os Trabalhões... Os Trapalhões no Reino da Fantasia, Os Trapalhões no Rabo do Cometa, Os Fantasmas Trapalhões, Os Trapalhões na Terra dos Monstros... Terminava a sessão e a gente saía na calçada ainda se acostumando com a luz da tardezinha, ainda voltando à realidade, depois de experiências tão ricas no mundo da imaginação (GAMA, 2017a, n.p).

Que passatempos eram reservados àquelas comunidades no seu dia-a-dia [sic]? Muito poucos. Daí, a ida ao cinema era ritualística. As clássicas matinês dos sábados e domingos marcavam a história. Ali tinham lugar os primeiros “flirts”, e, certamente, alguns dos leitores desse belo trabalho suspirarão com as lembranças. O famoso “escurinho do cinema” cantado em verso e prosa, era o sinal verde para as grandes audácias amorosas de então, ou seja, pegar na mão da namorada (SOARES, 2003, p. 7-8).

Tais memórias referentes aos cinemas currais-novenses revelam o prazer de uma experiência pessoal associado a um sentimento de pertencimento a esse processo de modernização. Ser moderno, estar a par das novidades, fazer parte do que era considerado

socialmente desejável naquele momento. Manter o cinema em funcionamento enquanto foi possível parece ter sido uma forma de reafirmar esse sentimento de pertencimento a um modo de vida moderno estabelecido a partir do progresso material, mesmo quando do declínio da atividade econômica que havia impulsionado esse processo.

Conforme a construção de toda memória local se caracteriza pelo sentimento de pertencimento (VIANA, 2017), dela fazem parte os acontecimentos, as pessoas/personagens e os lugares, como aponta Michael Pollak (1992) ao falar dos elementos que compõem as memórias individuais e coletivas. Vê-se que o cinema parece ser, no caso aqui estudado, um espaço de referência nesse sentido, sendo apontado como símbolo do processo de modernização local. Lembrar da época em que os sete cinemas estiveram em atividade é, portanto, lembrar de Currais Novos em um período otimista, quando seus habitantes passaram a desfrutar de novos elementos que chegaram com o progresso material. Uma memória nostálgica que, mais que referente à experiência de ir ao cinema pelos filmes em si, diz respeito a essa sensibilidade social associada aos ares de modernidade que a cidade respirava no século XX, quando destacou-se economicamente, principalmente com o ciclo da mineração, observando-se o empenho para afirmar-se moderna não só nessa esfera, mas também socialmente. Por fim, ressalta-se que o sentimento nostálgico existe porque, mesmo com a compreensão de que aquela fase chegou ao fim, o desejo de rememorar-la é presente por constituírem memórias consideradas positivas, de uma época da qual se tem saudade.

Conclusões

As conclusões desse trabalho reforçam a compreensão de que os cinemas, no século XX, foram um elemento relevante no que se refere aos processos de modernização em nível local, especialmente no caso de pequenas cidades interioranas. Contribuíram para a formação de uma nova sensibilidade social, assumindo um papel pedagógico quanto a disseminar noções de comportamento por meio dos filmes exibidos, além de terem constituído um espaço que promovia encontros e a socialização de experiências.

No caso currais-novense, ressalta-se a existência de fontes que permitem identificar o cinema como uma referência na memória concernente ao período de modernização local. Se houve, no século XX, pessoas engajadas para manter sua existência até quando não se pôde mais, graças ao processo mais amplo de fechamento dos cinemas em pequenos municípios, especialmente a partir da disseminação do vídeocassete, crise econômica e deslocamento para

os *shoppings* (SIMIS, 2005), no século XXI observa-se um engajamento quanto a construção de uma memória estabelecida acerca desse período, a qual este trabalho buscou compreender.

Finalmente, é importante reforçar como o estudo de elementos da vida cultural possibilita a compreensão de muitas questões sociais, inclusive aquelas referentes às transformações no modo de vida das pessoas e o impacto social mais amplo disso. Assim como Currais Novos, outros lugares certamente também viveram processos semelhantes, seja em relação à chegada do cinema, seja em relação a outros elementos associados ao desejo de afirmação como cidade moderna. Este é, portanto, um campo frutífero de estudos que segue merecendo atenção de historiadores, assim como de pesquisadores de outras áreas.

Referências

ALMEIDA, M. J. Cinema, Arte da Cidade. **Pro-Posições**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 158-162, mar. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644107/11545>. Acesso em: 11 fev. 2022.

ANDRADE, L. T.; BAPTISTA, L. V. Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 29, n. 1, p. 129-146, maio 2015. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1300>. Acesso em: 12 fev. 2023.

ARAÚJO, V. P. **A Bela Época do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 165-196.

BEZERRA, E. Sociedade do Seridó. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-16. 5 fev. 1980.

BEZERRA, E. Sociedade do Seridó. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-12. 8 out. 1980.

BEZERRA, E. Sociedade do Seridó. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-12. 13 fev. 1981.

BEZERRA, E. Conviver. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-12. 4 abr. 1986.

BEZERRA, E. Conviver. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-12. 10 abr. 1986.

BEZERRA, E. Providências. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-12. 15 fev. 1989.

BEZERRA, E. Providências. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-12. 18 fev. 1989.

CASTRO, K. C. M. **Cinema: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia – 1980 a 2000**. 2008. 145 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16542/1/kellen%20parte%201.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

DIÁRIO DE NATAL. Todos ao estádio e ao Cine-teatro desembargador Tomaz Salustino. **Diário de Natal**. Natal, p. 10-10. 2 mar. 1977.

FERRAZ, T. **A Segunda Cinelândia Carioca**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

GAMA, W. **O último cinema de Currais Novos**. 2017. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2017/11/25/o-ultimo-cinema-de-currais-novos/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

GAMA, W. **Entrevista concedida à Fabiana Alves Dantas**. Currais Novos: [s.n.], 2017. Pen drive.

GOES, A. G. S. Espaço, tempo e sociabilidades na cidade. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 4, n. 1, p. 76-87, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/1680>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MEDEIROS, G. C. A Imagem da Princesa. In: MACEDO, H. A. M.; ARAÚJO, M. A. A.; SANTOS, R. S. (Org.). **Seridó Potiguar**: tempos, espaços, movimentos. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 135-149

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo, Contexto, 2011.

MOURA, F. D. S. S. **Cenas de uma cidade sensível**: o Cine Bandeirante como espaço de lazer e sociabilidades em Santa Cruz do Capibaribe - PE. 2014. 139 p. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1959>. Acesso em: 02 fev. 2019.

NORONHA, A. E. Análise teórica sobre a categoria “elite política” e seu engajamento nas instituições da comunidade regional. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 29, p. 24-45, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/463/617>. Acesso em: 16 out. 2019.

O POTI. Novo cinema funciona em setembro. **O Poti**. Natal, p. 15. 13 abr. 1975.

PEREIRA, A. L. Narrativas orais: a impossibilidade do retorno de Teseu? In: ARAÚJO, E. M. N. et al. (Org.). **Historiografia e(m) diversidade**: artes e artimanhas do fazer histórico. João Pessoa: Editora da UFCG/ANPUH-PB, 2010. p. 97-109.

PINTO, L. S. Cinéma brésilien et censure pendant la dictature militaire. **Cinémas D'Amérique Latine**, Toulouse, v. 9, n. 1, p. 157-164, jan. 2001. Disponível em: http://www.memoriacinebr.com.br/textos/cinema_brasileiro_e_censura.pdf. Acesso em: 11 fev. 2023.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul./dez. 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

RODRIGUES, S. M.; FARIAS, E. S.; SILVA, M. C. F. O cinema por Deleuze: imagem, tempo e memória. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 6, 2010, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: FACOM-UFBA, 2010. p. 1-12. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24291.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

SILVA NETO, J. A. **Cinema e sociabilidade**: uma história das relações sociais promovidas em cajazeiras-PB (1950-1980). 2021. 271 f. TCC (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/19541>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SIMMEL, G. O problema da sociologia. In: MORAES FILHO, E. (Org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. Pp. 59-68.

SIMIS, A. Cinema e Política Cultural durante a ditadura e a democracia. In: ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5, 2005, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ENLEPICC, 2005. p. 1-17. Disponível em: https://www.academia.edu/254918/Cinema_e_Pol%C3%ADtica_Cultural_durante_a_Ditadura_e_a_Democracia. Acesso em: 11 fev. 2023.

SOARES, C. E. R. Prefácio. In: XAVIER FILHO, M. J. **Os Cinemas de Currais Novos**. João Pessoa: Edições Varadouro, 2003. p. 7-11.

SOUZA, A. C. B. A cidade e as memórias revisitadas: ou de como as memórias (re)inventam cidades. In: ARAÚJO, E. M. N. et al. (Org.). **Historiografia e(m) diversidade**: artes e artimanhas do fazer histórico. João Pessoa: Editora da UFCG/ANPUH-PB, 2010. p. 110-121.

VIANA, H. A problemática da “Memória Local”: Reflexões sobre o caso Norte-Rio-Grandense. In: ALVEAL, C. M. O.; FAGUNDES, J. E.; ROCHA, R. N. A. (Org.). **Reflexões Sobre História Local e Produção de Material Didático**. Natal: EDUFRN, 2017. p. 107-135.

XAVIER FILHO, M. J. **Os Cinemas de Currais Novos**. João Pessoa: Edições Varadouro, 2003.

Recebido em: 16 de fevereiro de 2023

Aceito em: 27 de julho de 2023
